

BORBOLETA

HEBDOMADARIO DE LITTERATURA

VOLUME II.

DOMINGO 28 DE JANEIRO DE 1877.

NUMERO 16

Director — Dias Freitas.

Proprietario — Magalhães Junior.

O JORNALISMO NA EMIGRAÇÃO

I

E' para louvar o serviço valioso, que o snr. Martins de Carvalho está prestando ás nossas letras, com os *Folhetins* começados a publicar no seu *Conimbricense*—n.º 3074 do anno XXX, relativo a 13 do Janeiro corrente.

A historia do nosso jornalismo nas emigrações dos nossos conterraneos no estrangeiro—historia valiosa para a explanação das occurrencias d'essas epochas—ninguem ainda a tem dado atégora á luz.

Diz-nos o illustre confrade conhecer apenas alguns periodicos da *emigração liberal* em França e Inglaterra, e na ilha Terceira:—epocha, a que o snr. Martins de Carvalho se adstringe exclusivamente.

Os periodicos de que nos faz menção, e de que promete espécimens, são unicamente os seguintes:

Paquete de Portugal, Chaveco Liberal, Independente, Aurora, Precursor, Pelourinho, Padre Amaro, Tesoura, Palinuro, e Chronica da Terceira, escriptos todos em portuguez: —e alem d'estes, *O Correio dos Emigrados Portuguezes* em francez, e *O Portuguez Emigrado* em duas columnas—uma em portuguez, e outra em inglez.

II

Sinto de veras, que o illustre confrade de Coimbra não comece de mais longe as suas lucubrações —com pulso e proficiencia para isso— e que se adstringa unicamente ao *jornalismo politico*.

Se eu me pudera dar a trabalhos d'es-

ta ordem, no meio das minhas *occupações officiaes*; começal-os-hia pelo *Correio Braziliense*, de que o n.º 1 sahira á luz em Londres em 1808. —Publicou-se em 8.º gr. no mez de Junho, sendo W. Lewis o seu impressor: —e a data que fecha as duas laudas da *Introdução* é do dia 1 do mez.

Começava eu assim com o principio do nosso seculo, e com a primeira emigração d'então, devida ás occurrencias memoraveis da invasão franceza entre nós: —invasão, que forçara o nosso proprio monarcha a emigrar tambem para o Brazil.

As emigrações posteriores, devidas embora directamente a acirramentos fraticidas, não passam de complementos succedaneos d'essa primeira emigração, em que os germens d'esses acirramentos eram os *jacobinos* e os *não-jacobinos*.

III

Na *Introdução do Correio Braziliense*, lêem-se estes trechos curiosos, que não deixarei de copiar:

«Ninguem mais util.... do que *aquelle* que se destina a mostrar —com evidencia— os acontecimentos do *presente*, e a desenvolver as sombras do *futuro*.—Tal tem sido o trabalho dos *redactores* das *folhas politicas*, quando estes —munidos d'uma critica san, e d'uma censura adequada— representam os factos do *momento*, as reflexões sobre o *passado*, e as solidas conjecturas sobre o *futuro*.

«Devem-se á nação portugueza as primeiras luzes d'estas *obras*, que excitam a curiosidade publica. —Foi em Lisboa, na imprensa Craesbeeck em 1649, que este *redactor* traçou com evidencia, debaixo do

«nome de *boletim*, os acontecimentos da «guerra da aclamação de D. João o IV. «—N'este *folheto* se viam os factos, taes «quaes a verdade os devia pintar: e d'esta «obra interessante se valeu ao depois o conde da Ericeira, para escrever a historia «da aclamação, com tanta censura e acer- «tada critica como fez».

IV

O *redactor* a que se allude, não é individuo especial: é o *redactor* de *folhas publicas*, seja elle o individuo que fôr. — Podia no entanto alludir-se alli ao nome do proprio rei D. João IV, a quem a tradição nacional dá como auctor das *Gazetas* d'então, fazendo-as escrever com *dictado* seu, até que tomára conta d'essa tarefa o chronista-mór do reino Fr. Francisco Brandão.

Não foi no entanto em 1649, mas em 1641, que sahira á luz a nossa primeira *Gazeta* em Lisboa, na officina typographica de Lourenço d'Anvers, no formato de 4.º — Foi lapso d'impressão essa *data* acusada, como o foi de memoria o *titulo* e a *officina* indicados.

V

E' de 15 volumes, a colleção que tenho do *Correio Braziliense*: e finda no anno de 1815.

Annexas a ella, e no mesmo formato, posso tambem duas *publicações periodicas*, destinadas a confutar-lhe a doutrina—embora publicadas ambas em Lisboa.

Reflexões sobre o Correio Braziliense, eis o *titulo* da constante de 6 numeros, e que chega com a analyse até o n.º XVIII do *Correio*. — Publicou-se na impressão regia com *data* de 1809.

O *titulo* da publicada com *data* posterior, é *Exame dos artigos historicos e politicos da colleção do Correio Braziliense*, no que pertence unicamente ao reino de Portugal. — Publicou-se na mesma officina em 1810: e consta sómente de 4 numeros.

VI

Depois do *Correio Braziliense*—e cingindo-me aos *periodicos* de que tenho colleções, ou posso apenas numeros avulsos — occupar-me-hia da catalogação dos seguintes:

Investigador Portuguez; Espelho; Por-

tuguez; Observador Lusitano; Annaes das Sciencias, das Artes e das Lettras; Campeão Portuguez; Plenipotenciario da Razão; Padre Amaro; Contemporaneo Politico e Litterario; Azorrague; Aurora Pernambucana; Conciliador; Popular; Correio Interceptado; Tesoura; Portuguez Emigrado; Paquete de Portugal; Chaveco Liberal; Palinuro; Correio dos Açores; Chronica da Terceira; Aurora; Correio dos Emigrados Portuguezes; Portuguez Constitucional; Armazem dos Conhecimentos Uteis; e Portuguez em Cadix.

Do *Independente* e do *Precursor*—assim como do *Apendic ao Padre Amaro* e do *Cruzeiro* — possuo apenas folhas tronçadas d'alguns dos numeros.

Do *Patriota do Rio do Janeiro*—que não deixaria d'*incluir* tambem entre os *periodicos* alludidos—possuo *completa* a *collecção rarissima*.

[Continúa]

Braga

PEREIRA-CALDAS.

A NOIVA D'ABYDOS

Poema de Lord Byron

Versão de Alfredo Campos

Canto segundo

II

Reboa o vento e o mar d'Hellé levanta-se,
N'umas ondas sombrias se desdobra,
E a noite estende um veu sobre a planicie,
Sobre o deserto em que reinára Priamo,
—Deserto inutilmente tinto em sangue—
De cujo imperio restam só sepulchros
E as visões immortaes que eram delicias
Que eram encantos do ancião de Scio! (*)

III

Entretanto, meus pés hão recalçado
Essa praia sagrada, e já meus braços
Fenderam este mar tumultuoso,
Porque presente fui em taes lugares;
Entretanto, sonhar, chorar comtigo
Comtigo percorrer, ó velho poeta,
As antigas planicies, crendo sempre
Que cada pé de relva encerra a cinza
D'um heroe verdadeiro, e crer que em torno
D'este palco brilhante do teu poema,

(*) Homero.

O teu vasto Hellesponto existe ainda
 Agitando-se em ondas como dantes...
 Oh! que eu possa logral-o muito tempo!
 Pois pode o coração negar-te crédito
 Em face d'esta bella perspectiva?

(Continúa)

—•••••
 DOLORES
 —•••••

(Continuação)

XX

Dois dias depois tive outra carta. Dolores dizia:

«Meu pae adoeceu. Está de cama com fortes dores de cabeça. Chamou-se o medico que me disse não ser coisa de cuidado, mas que era necessario houvesse tranquillidade, e que lhe fallassemos o menos possível.

Vou-lhe escrever livremente. Elle não lerá esta carta. Não imagina com que immenso jubilo lhe eserevo. Parece-me que lhe estou fallando, e a cada palavra que traço n'este papel, paro como para escutar a sua resposta.

Desde o dia em que foi para Portugal parece que tenho duas almas. Uma que ficou aqui, triste e solitaria, outra que o acompanhou e vive junto de si.

O piano e os livros estão abandonados. Se ainda canto ou leio; canto as musicas suas predilectas, leio os livros que liamos juntos. Desculpe-me a franqueza com que lhe conto as minhas creancices. Fallo a um amigo intimo, não é verdade?

Hontem levantei-me pela manhã com a louca esperanza de que o ia ver. Vesti os meus vestidos melhores, ralhei com Carmen porque é uma desastrada que me pen-teia mal. Depois vim cheia de jubilo para a sala. As horas porém passaram, e com ellas veio a reflexão. Vi então que era louca e chorei... chorei muito.

Eu não quero ter pensamentos occultos para si. Estive pensando que nunca mais o tornaria a ver... que seria esquecida!..

Venha depressa, sim? Prometta-m'o!»

XXI

Adorável creança? Sim, eu ficaria uma eternidade ao lado de ti a ver-te, a adorar-te! Seguir-te-hia por toda a parte, bebendo a vida e o amor de teus olhos, a fe-

licidade de teus labios. Mas é impossivel! Impossivel!... Entre mim e ti ha um abysmo! Os nossos corações battem um pelo outro, mas é necessario abafar essas pal-pitações nos nossos peitos. E' preciso cumprir o coração até á morte! E' o *dever* que ordena.

Respondi. O quê? Não sei. Mais uma loucura. Deixei correr a penna sobre o papel ao sabor dos meus sentimentos. Depois de deitar a carta ao correio, arrependi-me. Devia demorar a resposta e mande-a na volta do correio; devia ir gradualmente preparando o rompimento das nossas relações... e escrevi-lhe d'amor!

Fiquei cada vez mais colerico e descontente de mim mesmo. Esta ultima falta nem sequer tinha a desculpa da presença de Dolores.

Para a carta seguinte hei de ser frio, cruel até! E' uma necessidade.

Veio a resposta:

XXII

Fallaste-me d'amor! Que felicidade immensa! E' pois verdade tudo que me dizes?

Li cem vezes a tua carta. Cem vezes a beijei. Escondi-a depois entre as flores dos meus vasos, mas não estava ali bem. Tirei-a de lá e metti-a no seio. Quizera tel-a no coração.

Tu não mentes! Seria cruel. As tuas palavras são a fiel expressão dos teus sentimentos.

Olha, desde que te amo, augmentou-se a minha fé em Deus. Corri a casa toda e não tínhamos um crucifixo! Mande-i buscar um e colloquei-o no meu quarto. As horas que não passo a cantar as tuas musicas predilectas, passô-as a ler as tuas cartas, ou de joelhos resando e chorando, perante a Cruz.

E como essas lagrimas são consoladoras! Eu tinha ouvido dizer que Jesus era o pae dos infelizes. D'antes não dava importancia a isso. Agora, que tenho medo de o ser, creio, e peço-lhe muito a Elle que te mande depressa para o pé de mim.

Mas eu não te fallo a verdade. Não tenho medo de ser infeliz. Creio em ti, mas choro muitas vezes. Porque será?

Olha que se não vens, vou eu com meu pae buscar-te. Elle está melhor. Vê lá!..

(Continúa)

Praia da Granja.

ALMEIDA PINHEIRO.

PENEDO DA SAUDADE

Lugar suave á mente, ao seio, aos olhos!

Noites de Castello—V. de Castilho.

Penedo da Saudade!—é grato amar-te;
E volvo aqui a vêr-te—a ver-te volvem
A lyra e o coração, quaes d'aqui foram.
O mesmo sentimento os afervora,
No coração amor—amor na lyra,
Em ambos um vulcão, ternura, extremos!
E tu o mesmo és—de novo escuto
Auras que em tua verde coma ondêam,
Que, anciosas de ouvir os sons d'outr'ora,
Em murmurio frenetico s'enroscam
No braço ao trovador—no braço á lyra!
E tu o mesmo és, sacro retiro,
Abrigo solitario, urna opulenta
De saudades da patria, as quaes aviva
Em jovens corações teu brando aspecto,
E saudades do céu!—Salvé, retiro
Consagrado ao pezar! salvê mil vezes!
De novo commovido te dedico
No coração amor—amor na lyra
Em ambos um vulcão, ternura, extremos!

I

Como conyversa d'amantes,
Como os extasis da lyra
Assim murmura e suspira
Alma que vem aqui dar!
Que meiga vista contempla!
Que vasto espaço se off'rece!
Que aneio aqui lhe apparece
De despende-se e voar!

E tu o mesmo és, que outrora ouviste
Os suspiros que em vão eu enviava
A' patria idolatrada, ao céu clemente,
A caros paes e irmã —ai!— cujos nomes
Tanta vez escrevi estremecendo
Com verde pó de rosa em teu regaço!
E tu o mesmo és, que já me viste
Sentado á tua beira, erguido o rosto,
Por noite de luar—á meia noite,
Taes nomes repetir, gemer chorando-os
Da terna lyra na mais terna corda!
Eia pois, que assististe a esses lances
Nascidos de saudade tão acerba,
Que, meigo a mitigavas c'os perfumes
Que em teu seio, a miude, a brisa cólhe;
—Ah sê meu confidente n'este instante!
Ah sê-o! que mais dôres me preseguem!
Compassivo me acolhe, os ais me escuta
Em quanto não os some ávida tumba!
Ainda d'este dia a bella aurora
Não mostrava no céu as vivas côres,

Mas pelo mundo ainda ia esfolhando
A noite as soporíferas papoulas,
Eis que sonhando vi pallida a imagem
Do nobre Portugal, que o forte peito,
Que o braço das pelepas trabalhado
A durezas jámais furto da guerra,
Acurvada a cerviz!... astro fulgente
Dos céos da gloria subito apagado!
Seria agouro o sonho? em sonhos crê-se?
Como o sol, que ora desce ao oceano,
Oh! dar-se-ha que a patria assim decline
Por céu d'atra procella? ou, como nuvens
Que do oceano ao sul vão caminhando,
Resurgirá, alfim, em sua face
Do horisonte politico o ataude?
Talvez, meu Deus, talvez! e outro ainda
Dilacerante o peito me traspassa,
Espinho pungitivo!...

Sim—eu tinha

Constante leal amigo,
No meu soffrer—meu abrigo,
Socio meu—no meu prazer;
Se eu chorava—elle chorava,
Se eu sorria—elle sorria:
Um circulo d'oiro unia
Meu viver ao seu viver!

Em noites claras, serenas,
Elle ia triste e sosinho
Trilhando rude caminho
Por entre abysmos d'horror;
E depois, no alto monte,
Para o céu erguia os braços
Aos estrellados espaços
Mandando canções d'amor!

N'outras noites—feias noites!
Em que a luz do céu se esconde,
E que ao temporal responde
Mais rouco e horrído o mar,
Buscava a praia deserta,
Trovava sobre um rochedo,
Como cysne que sem mêdo
Da morte expira a cantar!

Longo espaço nos separa!
Eis-me o calix da amargura!
Não o vejo!—a deventura
Me traz preso apoz de si!
Cégo, iracundo destino
Me arrasta aqui sem clemencia!
Já cinto fria a existencia:
—O' luz! apaga-te aqui!

.

Penedo da Saudade! mas que idéas
Sombrias, melancholicas nos versos

Que inda vão a tremer! Bem como vento,
Que em chão de mortos passa, minha lyra
Assim lugubre foi, ou como arbusto
Que antes do sol nascer chorar parece!
Longe a tristeza vá! que os labios molha
Com esponjas de fel! que os sons de festa,
Os mais dignos de ti, cobriu de lucto!
E do jubilo o sol me doire o plectro
Emquanto meu amor, em ti absorto,
A dôce lyra tange em honra tua!

II

Como conversa d'amantes,
Como os extasis da lyra,
Assim murmura e suspira,
Alma que vem aqui dar!
Que meiga vista contempla!
Que vasto espaço se off'rece!
Que anceo aqui lhe apparece
De desprender-se e voar!

E tu o mesmo és —bordam ainda
Hervinhas e papoilas, esse manto
Que todo te acoberta... ah! foi meu êrro
Cuidar que já te vira... e só a elle,
A elle só hei visto!—ah se te visse!
O' gigante escondido! ah se te visse!—
Quão mais digno serás de ser olhado
Se elle, de quem és dôno, seduz tanto!?
Que niveos has de ter soberbos hombros!
Que airoso corpo, varonil figura!
Pois teu nome... complexo de suspiros...
Penedo da Saudade!... eu não me engano...
—Ha largo tempo já que tens amores!—
Por vezes m'ó tem dito ao fim da tarde
—Hora d'amantes!—quando o sol se esconde
E a poesia se mostra no horisonte,
Por vezes m'ó tem dito aqui por muitos
Talvez ouvido, um som, que não notaram,
Que bem estranho elle é! que o bem traduzo!..
Um som, meigo, lascivo, que parece
Já o som do folgar d'auras com folhas
--As murchas folhas que deixára o outomno--
Já o som do regato, que humedece
Novo sulco d'arêa e de seixinhos!
Mas eil-o se ouve agora—eis que resurge!
Tambem parece... e muito!—é certo! é certo!
—Ou murmurio de beijos que suspiram,
Ou suspiros d'amantes que se beijam!—
Tambem parece... e muito! é ella! é ella!
Da sêda se ouve o ciciar suave!
Eu ouço tudo agora, eu vejo tudo,
O' gigante ditoso!... agora mesmo
A ponta d'esse verde manto ergueste,
Do palacio se abriu a porta d'oiro,
Entrou! — e agora...

ah louco! — eis-te perdido!

A tua amante é furia que te arranca
A alma e o coração, e os lança ao baratro!
Ella é furia! por Deus, ah não lhe chames
Anjo, nympha, mulher, luz de teus olhos!
Mas expulsa-a de ti! mas treme d'ella!
E tu não me ouves... não? e tu sorris-te
Sorris-te para ella e a ti a prendes!?...
—Como te invejo então!—sóme-te, ou môrro
Mas não, meu bom amigo, eu me allucino!
Tu gigante não és—ao mundo o attesto!
O som que escuto ainda—é a voz do vento!
De teu amor não sei!—menti! fui falso!
Seduz-me este logar, seduz-me estrella
Que sobre elle irradiá, que o florenta,
Que o genio meu exalça—e devaneo!
—De teu amor não sei! menti! fui falso!
—O som que escuto ainda, é a voz do vento,
Que ora esbraveja debruçando cédros,
Ora bafeja balançando lyrios!

III

Como conversa d'amantes,
Como os extasis da lyra,
Assim murmura e suspira
Alma que vem aqui dar!
Que meiga vista contempla!
Que vasto espaço se off'rece!
Que anceo aqui lhe apparece
De desprender-se e voar!

E como os lumes, que á noite
Brotam no ceruleo mantô,
A' vezes consolam tanto
O infeliz que os vê luzir;
Assim o vêr este sitio,
— Talvez por igual mysterio —
Vêrte n'alma um refrigerio
Que só dos céos pode vir.

E como agora passeiam
Sobre ti nuvens doiradas!
E que aves enamoradas
Cantam aqui tanto amor!
Como tudo isto me lembra
Da egreja o orgão soando,
Vozes e incenso elevando
Da terra a Deus seu louvor!

E bem como incerto barco,
Pelos ventos combatido,
Avista o porto querido,
Recúa e torna a voltar;
Assim teu formoso aspecto,
De saudades agitado,
Longe este sitio encantado
Me anda sobre alma a boiar!

Ora, então, me lembra a serra
 Que além se clêva gigante,
 Donde á noite a lua amante
 Vem surgindo festival;
 Ora o placido Mondego,
 Que verdes margens o adornam,
 Onde suas filhas entornam
 Claras urnas de crystal.

E bem como aves celestes,
 Em jardins d'ethereas flores,
 Cantam celestes amores
 Sobre hastes côr de rubi;
 Assim minh'alma, escutando-as
 Longe do espaço que a encerra,
 Se baixar um dia á terra,
 Cantará poisada em ti!

Dirá que viu Deus e a Virgem
 N'alta gloria deslumbrantes!
 Que eram soes seus diamantes!
 E foi céga o chão beijar;
 Que a Virgem, qual junto ás folhas
 Os botões protege a rosa,
 Tinha os anjos, carinhosa,
 Junto a si a scintillar!

E que as viu d'aureos cabellos,
 De vestidos estrellados,
 Tendo os seublantes banhados
 Dô clarão do eterno sol!
 Que escutou as suas harpas
 Doces, puras, sonoras!
 E seus pés só trilham rosas,
 E ó cada uma um pharol!

Dirá o que ignora o homem,
 E em vão tenta imaginal-o;
 Que é tentar sumir o abalo
 Ao trovão que rebentou!
 E' pedir calor ao géllo!
 Retrocesso á desventura!
 Claridade á noite escura!
 Agua á fonte que seccou!

F. SIMÕES VILLAÇA.

BEBIDAS

O chá, o café, o chocolate

I

○ CXXÁ

Tous les trois ont reuni le triple privilege de flatter le palais, de s'imposer á des nations entieres et de se faire des detracteurs, passionés ou des adeptes enthousiastes.

FONSAGRIVES.—ENTRETIENS FAMILIERS, DIXIÉME ENTRETIEN.—LES ALIMENTS DISCUTÉS.—PAG. 330.

Todas alcançaram o triplice privilegio de agradarem ao paladar; e de se imporem ás nações inteiras, adquirindo apaixonados detractôres e admiradôres entusiasticos.

Ainda bem que o fim do 16.º seculo trouxe á Europa o gosto por tão agradaveis e necessarias bebidas; e ainda bem que ellas tem contribuido para que mais vá acabando entre as modernas gerações o asqueroso vicio da embriaguez—ainda muito enraizado todavia, e mesmo em nosso Portugal, onde, como verêmos em subsequentes artigos—não são muito favoraveis as estatisticas de mortalidade, e notavelmente em Inglaterra e Estados Unidos da America. Ha mais de 250 annos, que nos nossos habitos têm deitado tão profundas raizes, que difficil será destrui-las, nem ao menos em parte. O chá, o café e o chocolate, que são tão sympathicas bebidas, e que tão da moda são, como já dizia o grande Zimmerman, apesar de lhe fazer opposição no seu tractado da experiencia — *Paris MDCCLXXIV* pag. 119.

Em Portugal não podêmos passar sem o chá e café, o qual quasi sempre saboreamos com prazer depois do jantar, ora sós, ora rodeados de amigos—principalmente n'estas tardes do inverno, em que a chuva e o vento açoutam os vidros, convidando só esta epoca para o trabalho e para o recolhimento, para o estudo, para as locubrações constantes e diversões amiudadas.

O parentesco hygienico d'estas tres excellentes substancias; vindo o chocolate da Arabia, o café do extremo Oriente, e o chá do centro da Asia, é tão similhante, que, apesar da sua proveniencia botanica, tornam este objecto muito curioso, sendo que o principio alcaloide, que os compõe, é o mesmo, havendo apenas diversidade no nome. Salvè, grande Brillat-Savarin, que nos

preparaste bebidas tão proveitosas e de tanto aroma! Salvè illustre Brillat-Savarin que inventaste os mais e melhores e engenhosos processos para a sua confecção.

O leitor não me levará a mal, que o entretenha fallando-lhe por algum tempo n'estas *conversações* ácerca dos tres ídolos da sensualidade contemporanea—brilhante expressão do meu amigo, o intelligente Fon-sagrives.

(Continua)

DR. LINO DE MACEDO.

O SEU GATO

Minha estimavel senhora,
Ah! se não fôra
Este meu genio pacato,
Eu não sei o que faria...
Enlouquecia
E botava-me ao seu gato!...

O que lhe vale ao bichano,
Esse *tyrano*,
Que é meu felice rival,
E' ser elle assim tão q'rido;
Eu, sempre fido,
Soffro o mal, sem fazer mal...

Que esta minh'alma de poeta
Me faz patêta,
Muitos e muitos dirão.
E que é toleima, hoje em dia,
Gastar poesia
Para adornar a paixão :

Pois digam quanto quizerem,
E que venerem
Seu mais prodigo senhor...
Não renego a minha crença;
E' recompensa
D'amor puro um puro amor.

Mas offende-me o capricho
D'amar um bicho
Com ternura excepcional!
Vêr a um bruto dar, sem meta,
O que a um poeta
Se affigura divinal!...

Saber que dorme em seu leito,
Juncto do peito
Repimpado, um gatarrão!...
E cá um pobre de Christo...
Sabendo isto,
Não lhe dar um trambolhão!...

Oh! caso é este, senhora,
Que, se não fôra
Este meu genio pacato,
Eu não sei o que faria...
Enlouquecia
E botava-me ao seu gato.

JOSE D'ORNELLAS

A'S HORAS MORTAS DA NOITE

(ROMANCE)

(Offerecido a Joaquim Januario da Silva)

(Continuação do n.º 15.)

II

Vedes aquelle palacio, cujos arrendados architectonicos vos provocam uma interjeição de admiração, e cujo fausto vos certifica da opulencia de seus donos?

Ouvis aquelle arruido folgasão, aquelle louquejar d'alegria e contentamento, que vós dizes symptomas de felicidade?

Quereis penetrar alli?

Olhae: Os portões estão abertos de par em par, e a escadaria profusamente illuminada. Um vulto entrou, e outro, e muitos.

Aproxima-te, e vae partilhar d'aquelle dellyrio, d'aquelle enthusiasmo febricitante, d'aquelle folgar, que invejas.

Mas... espera. Os teus vestidos são de estamena, as tuas mãos são callosas, e a tua fronte poreja o suor do trabalho.

Não podes entrar, infeliz!

*
*
*

Acompanha-me mais adiante um pouco.

Acolá, junto ao olival, ergue-se uma casinha enfrestada e humilde. Alli habitou, ou vive ainda, um teu irmão no trabalho.

Ninguem nos interceptará a passagem, nem obstará á nossa entrada.

III

Antes do leitor me seguir até á Herdade, quero apresentar-lhe uma das pessoas que forçosamente vae encontrar alli.

E' um moço de mediana estatura, esbelto, de tez pallida, e cabellos d'um loiro suave e meigo...

Ora, adivinhou. E eu digo que adivinhou, porque me parece ouvir ao leitor: ahi nos

surge o poeta forçado em todos os romances.

Vamos encontral-o na Herdade, porque o leitor já sabe que ha alli um doente, e o nosso moço loiro exerce a clinica ha dois annos.

Nos primeiros dias em que principiou o seu honroso ministerio, passou as noites em vigilia a parafusar sobre o modo de receitar poeticamente; afinal desenganou-se que o mundo não avança por cantigas, e mandou alapardar a um canto do gabinete a sua lyrasinha. D'alli raras vezes a levanta, para celebrar, em duas quadras, uma ou outra sensação agradável que o viver da aldeia produz na sua alma, ou para tecer um hymnosinho á dona dos seus pensamentos.

Não se admire de ver que ainda ha alguém que faça versos a mulheres.

Ha de haver simplices, em quanto a virtude não abandonar de todo este globo sublunar, chamado mundo.

Eu, quando era mais creança, tambem passava as minhas horas de ocio a rabis-car versitos a uma virgem, a uma formosura, que eu amava em extremo.

E que mulher ella era!...

O leitor ainda se recorda do bom tempo das liteiras?

Eu não, senhor. Os meus progenitores tiveram o imperdoavel esquecimento de me impurrarem para o mundo, só quando a viabilidade rentava pela perfeição, quando tudo se movia a vapor, quando as locomotivas já se entretinham em assobiar modilhos pelo coração dos montes, e a bonacheirona da liteira havia passado para o quadro da desponibilidade.

Pois aos meus amores faltou a aduella da liteira; e eu vi-me dentro em pouco no sopé do calvario. Tinha caminhado muito sem dar por isso, devido ao systema de não se admittir o passo grave, nem sequer em negocios do coração.

Mas, como ia quasi disendo, a mulher a quem eu fasia versos, era muito linda e candida como...

Ora hoje releio os meus cantos de namorando, já suficientemente defumados, e pergunta a mim mesmo: o Dias Freitas que outr'ora escrevia destas coisinhas, será o mesmo Dias Freitas d'hoje?

E fico duvidando da identidade da minha pessoa.

As minhas relações amorosas foram crescendo, e um não sei quê veio solidificas quasi irresistivelmente.

Sabem o que os meus amigos me disiam por esse tempo?

Eu digo-o muito á puridade: chamavam-me tolo ou patéta. E parece-me que fui uma e outra coisa.

O leitor quando entrou a primeira vez no theatro, não se persuadiu que os bastidores eram bellas arvores, ridentes de seiva e formosas de verdura; que a cascata jorrava palhetas de purissima agua; que as paredes de lona borreteada eram de fina cantaria?

Foi o que me aconteceu, quando pela primeira e unica vez entrei no vastissimo theatro, onde se representa a eterna comedia chamada—amar.

D'ahi por diante nunca mais fiz versos a mulheres.

Mas... esqueçamos tudo isso; porque eu não prometti retratar a feição comica da minha biografia, nem o leitor se importa de mim; o que quer saber é de Alvaro Quintella, que assim se chama o moço loiro, mui afamado e unico medico da aldeia.

(Continua)

1872.

DIAS FREITAS

PUBLICAÇÕES LITTERARIAS

Temos em nosso poder as publicações seguintes, de que nos occuparemos no seguinte n.º:

—*Noites Amenas*, por Henrique Perez Escrich, —Edicção da casa Chardon.

—*O Anjo da Guarda*—por Henrique Perez Escrich—Versão de Cruzeiro Seixas. Edicção da «Bibliotheca do Cura de Aldeia».

—*Recreio Infantil* (ultimos n.ºs)

Recordações litterarias, por Soares Romeo Junior—Edicção da casa Chardon.

Os Invisiveis (1.º fasc.), —Edicção da «Bibliotheca dos Bons Livros».

Ortigões (N.º 3) Edicção da «Livraria Civilização».